

INICIAÇÃO NO BATUQUE IJEXÁ-JEJÊ: ENSAIO ETNOGRÁFICO SOBRE O RITUAL DE FEITURA DE UMA MILITANTE DA MOBILIZAÇÃO NEGRA EM PELOTAS-RS

AVILA, Carla Silva de¹

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da ²

1-Mestranda em Ciências Sociais UFPel. sociocarla@gmail.com

2- Professor Adjunto Departamento de História e Antropologia/ICH-UFPel. rogerio_ros@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Na atualidade, vários aspectos ligados à religião de matriz africana são constantemente observados em diferentes formas de organização social negra. Percebe-se nesse contexto a possibilidade da existência de uma *cosmovisão* de matriz africana que direciona as relações sociais, culturais e políticas pautando com isso a ação política de determinados militantes. Constituindo assim um cruzamento entre a lógica racional do Estado Democrático com diferentes visões de mundo que guiam a ação social de grupos ligados à religião. Norton Corrêa (2006) discute a *cosmovisão batuqueira* a partir da polaridade do campo da filosofia religiosa em contrapondo à visão de mundo ocidental. Parte do princípio que diferentes teorias apontam a cultura ocidental como superior, dividindo *nós* (centro do universo no ocidente), como o bem, a verdade única e absoluta, Deus, céu, o certo, a perfeição. Deixando para os *outros*, o mal, a mentira, o Diabo, o inferno, o castigo, a imperfeição, ou seja outras visões de mundo. É neste cruzamento de diferentes visões de mundo que este trabalho objetiva apresentar um ensaio etnográfico do processo de iniciação no batuque de uma militante política participante do movimento negro da cidade de Pelotas. Perceber a natureza de elementos e princípios constituintes no processo ritual e no dia a dia das pessoas praticantes da religião de matriz africana. Símbolos e crenças que são transportados para o processo de organização política negra.

A participação das pessoas ligadas à religião de matriz africana em atividades políticas é caracterizada pela utilização de um arsenal de símbolos que identificam sua filiação religiosa. Linhas finas coloridas no braço ou tornozelos, na utilização dos *axós* (saias e batas), guias, colares de miçanga, semente, conchas ou búzios. São acessórios que caracterizam o pertencimento e filiação da pessoa à família de religião. As cores dessas linhas se modificam de acordo com a linha ou lado referente à nação ou à umbanda. Os *axós*, as *batas*, as *seguranças* e as *guias*, formam o conjunto de indumentárias utilizadas nos rituais, que em determinados momentos são transportados para o universo de decisão política partidária.

Atualmente, a religião de matriz africana no Rio Grande do Sul é dividida em duas modalidades: a Umbanda e o Batuque. Na Umbanda encontra-se a linha branca, que cultua os orixás e as divindades brasileiras - os caboclos e os Pretos Velhos. No batuque são cultuadas cinco tradições denominados os lados de parentesco de santo. Que são: *Oió*, *Ijexá*, *Jejê*, *Cambinda* e *Nagô*, contudo existem templos que adotam dois lados, como é no caso observado no lado *Ijexá-JeJê*. (CORRÊA, 2009).

Cada casa tem suas particularidades, não existe uma padronização das organizações das casas de religião, contudo existem quatro linhas básicas; os caboclos, os pretos velhos, os ciganos e os exus. Diferenciando-se do batuque e do

candomblé, na umbanda¹ os orixás² não chegam, quem “baixa” são os espíritos enviados por eles. A linha branca é composta pelos caboclos e preto-velhos que realizam trabalhos direcionados à saúde. Os caboclos são espíritos dos índios, sereias e cavalheiros de Ogum. Os pretos são espíritos de escravos e os *ibejis* espíritos de crianças. Algumas casas trabalham com a linha dos baianos, que chegam junto aos pretos velhos. A linha cruzada trabalha juntamente aos exus e pombagiras e em alguns casos é denominado quimbanda. A linha de cigano, ou do oriente, é constituída por falanges enviadas pelos orixás, estando dividida em caravanas. São entidades alegres e de grande hierarquia.

METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho se deu pela observação participante no dia a dia de casas de religião, freqüentada por militantes políticos do movimento negro da cidade, em eventos políticos ligados a temática negra e nas reuniões do Forum do Movimento Social Negro. Na realização deste ensaio foi observado o processo ritual de iniciação no batuque. A militante iniciada é uma filha de *Otim*, participante da Economia Solidária junto às comunidades remanescente quilombolas de Canguçu. O Ilê, ou casa de religião, é o Reino de Pai Xapanã comandado pela lalorixá Mãe N. de Xapanã que participa do movimento negro através da Organização Não Governamental Olojukam³. O centro religioso fica localizado no bairro Humuarama na cidade de Pelotas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente a instância maior de participação política negra na cidade é o Forum Social do Movimento Negro de Pelotas. A militância negra pelotense é composta por pessoas e grupos participantes de projetos sociais que atuam na pauta das diferenças étnico-raciais na sociedade contemporânea. Reúnem-se periodicamente para organização de eventos e construção de políticas públicas ligadas a este segmento da sociedade.

Fragmentos de elementos constituinte da cosmovisão batuqueira foram observados em diferentes momentos de organização política, tais como a participação das comunidades de terreiros na etapa estadual da Conferência de Promoção de Igualdade Racial, em março de 2009. Nesse evento houve uma cansativa discussão sobre a disputa de duas vagas que sobraram para a etapa nacional, a dúvida era se as vagas ficariam com as comunidades de terreiros, ou com o recente grupo organizado: o movimento clubista. Mais de duas horas de discussões calorosas e até ofensivas sobre quem melhor representaria a comunidade negra. *A comunidade de terreiro x movimento clubista*. Os argumentos baseavam-se nos terreiros como espaço legítimo de resistência negra *versus* a resistência cultural dos clubes como espaço de sociabilidade. Por fim como não houve consenso entre os segmentos organizados, partiu-se para votação: o famoso

¹ A linha de umbanda é formada por sete orixás. Ogum, Iansã, Oxossi, Xangô, Oxum, Iemanjá e Oxalá.

² Orixá é a denominação dada às divindades africanas que viveram na terra. Elas cultuadas nas religiões de tradição africana, são divindades ligadas a elementos da natureza, a determinadas cores, plantas e partes do corpo. Como o caso do Bará, cor vermelha, o dono das encruzilhadas e dos caminhos e responsável pelos órgãos sexuais. Os orixás cultuados no batuque são: Bará, Ogum, Iansã, Xangô, Ossanha, Odê, Otim, Obá, Xapanã, Oxum, Iemanjá e Oxalá.

³ Olojukam em ioruba significa “Aquele que vê com os olhos do coração.”

levantar de crachá. De forma esmagadora ganhou o bloco das comunidades de terreiro, e na mesma hora em que se percebeu a vitória, começa-se a tocar os tambores, a cantar e a dançar cânticos em ioruba, durante uns quinze minutos a conferência cessa. O representante do Governo do Estado que estava presidindo a sessão não fez nada, fica estagnado e sem reação. Cria-se no meio da conferência uma verdadeira roda de batuque.

Na passagem acima se verifica fragmentos do cruzamento entre distintos campos de poder. Pois a disputa maior pela formulação de políticas públicas ocorre em âmbito nacional, discorrendo daí a importância de lutar pela legitimidade da representação política. Concorrência por quem irá melhor representar a comunidade negra. Nesses espaços os militantes ligados a religião são caracterizados por suas vestimentas e suas guias de proteção. A autoridade religiosa é caracterizada pelas *guias* que simbolizam o número de *chão*⁴ feito pela pessoa, os orixás a ele consagrados. O maior símbolo visível é a guia imperial, um colar de miçangas com as cores correspondentes a todos os orixás de Bará a Oxalá, o assentamento de todo o *olodumaré*. Quem possui a guia imperial são os Babalorixás ou a lalorixás, Pai ou Mãe de Santo, a autoridade máxima dentro do batuque. As cores das guias simbolizam o pertencimento as diferentes modalidades da religião de matriz africana. Por exemplo, uma guia vermelha e preta pode significar tanto a consagração à ao orixá Xapanã, pelo lado da nação, como uma guia de exu no lado de linha cruzada.

A iniciação da pessoa à religiosidade afrobrasileira se dá por uma série de rituais que a consagram aos orixás. Cada pessoa possui três orixás protetores, da cabeça, do corpo e do pé. No ato de fazer a cabeça, a pessoa dedica toda sua vida ao cuidado ao orixá em troca de proteção do mesmo. Cada indivíduo já nasce com seu orixá protetor, podendo ser revelado tanto em suas características pessoais e fenotípicas, por exemplo, as filhas de Oxum geralmente são mulheres de rosto arredondado, seios volumosos, vaidosas, calmas e caseiras. Já as filhas de Iansã são mulheres com forte personalidade, relacionamentos instáveis de pouca vaidade, porém possuem grande sensualidade.

Mulher de pele escura, cabelos negros e ondulados, mãe de dois filhos, atuante do movimento negro através do segmento Economia Solidária. Com forte personalidade não passa despercebida nas discussões referentes à organização negra. Em setembro de 2009 consagra sua vida à Otim. Otim é um orixá feminino, esposa de Odé, quem tem Otim na cabeça, tem Odé no corpo e vice-versa, esses foram os nomes revelados no jogo de búzios. O processo de iniciação no batuque se dá primeiramente pela jogada de búzios, momento em que se sabem quais os orixás que acompanharão a pessoa pelo resto de sua existência. São três orixás, da cabeça, do corpo e dos pés. No lado que Ijexá- Jejê, na casa do Pai Xapanã, todos os filhos possuem o orixá Bará nos pés.

Segundo Norton Correia (2009) o ritual para os Orixás se dá em três momentos, a matança, que é o *serão*, a festa e a *levantação*. A festa é o momento em que se come a comida de religião, a comida oriunda da obrigação, faz-se a dança na roda para todos os orixás, neste caso é a festa da mãe *Otim*.

O primeiro fundamento de feitura se chama *aribibó*, ritual em que se consagra o orixá dono da cabeça. Constitui em ofertar o axorô⁵ de pombo, marca-se a cabeça

⁴ *Chão* é a expressão utilizada para indicar o processo ritual de consagração da pessoa ao orixá.

⁵ *Axoro* é o sangue dos animais ofertados os orixás. As aves são os galos e as galinhas e pombos. Os quatro pés são as cabritas, bode, ovelha, carneiro e porco. Segue uma divisão sexual: as fêmeas para orixás femininos e os machos para os masculinos. Exceto Oxalá que recebe uma cabrita branca.

do iniciado e a *quartinha*⁶ do orixá correspondente. Seguidamente ocorre o processo de ir ao *chão*, momento de consagrar os demais orixás. Esse processo é constituído por fases divididas: o serão, a festa de batuque e a levantação. Na primeira semana realiza-se o *bori* ou *borido*, constituído pela oferta de aves aos orixás e a festa de batuque aos orixás consagrados. Na segunda semana é feito o serão de *quatro-pé*, nesse ritual é consagrado à guia de proteção que simbolizará os orixás assentados pela pessoa por fim realiza-se a festa de batuque com a mesa de Ibeji. Finalizando esta primeira fase ritual, é realizada a *terminação* com o *axoro* de peixe. Na segunda-feira é feita a apresentação do iniciado à cidade, o *passeio*. Pela manhã bem cedo se vai ao mercado municipal, local onde está assentado o Bará, e na praia para lemanjá e Oxalá. E por fim tem o café da manhã que é tomado na casa de um irmão de religião mais velho ou na casa de outro pai ou mãe de santo.

Para Victor Turner (2005) as relações da sociedade expressadas nos rituais, pensando o rito como uma relação social, como um processo de significados. Através da identificação dos símbolos dominantes observados em diferentes rituais podem-se apreender as relações da sociedade estudada. Para Turner ritual é entendido como um comportamento formal e prescrito em ocasiões não rotineiras. Tem como referência as crenças em seres e poderes míticos. O símbolo é a maior unidade do ritual, nele é estabelecida a relação de crença e pertencimento a determinado segmento social.

CONCLUSÕES

No processo de iniciação da filha de Otim observado, percebe-se uma série de elementos que apontam para uma distinta forma de organização do espaço social. Na relação com os orixás a pessoa consagra sua vida à divindade e leva essas características para onde ela for. O rigor exigido no trato à divindade é transportado para outros segmentos em que a pessoa atua. Nos processos rituais, além de consagrar se reforçam os laços com determinada visão de mundo não somente do indivíduo, mas do coletivo. A iniciação de uma pessoa envolve toda a família de religião, e os demais segmentos da sociedade por ela freqüentados, inclusive os espaços de discussão social e política. Por fim, no Ilê do Pai Xapanã constata-se um espaço de compartilhamento da religiosidade afrobrasileira com o engajamento político. Pois no lugar de realização do rito iniciático, funciona uma ONG ligada ao movimento negro, constituindo um lugar de transposição, ou diálogo entre diferentes setores de organização social, tanto religioso como político.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ANJOS, José Carlos Gomes. No território da linha cruzada: a cosmovisão afro-brasileira. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Fundação Cultural Palmares, 2006.
- CORRÊA, Norton F. Os tambores Batá no Batuque no Rio Grande do Sul (Extremo-Sul Brasileiro). In: Prepared for delivery at the 2009. Congress of the Latin American Studies Association, RJ Brasil June 11-14, 2009.
- TURNER, Victor W. Os Símbolos no Ritual Ndembu. In: Floresta de Símbolos. Niteroi: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005, p. 49-82.

⁶ Quartinha é um recipiente feito de barro em forma de garrafa na cor correspondente ao orixá. Bará: vermelho; Ogum: verde e vermelho, ou verde; Iansã: branco e vermelho predominante; Xangô: vermelho e branco; Odé e Otim: azulão; Ossanha: verde claro, Xapanã: rosa, Oxum; amarelo; lemanjá: azul e Oxalá: branco.